



RESENHA

A Concretude do Fenômeno Turismo

(de Everaldo Batista da Costa)

The concreteness of the tourism phenomenon (from Everaldo Batista da Costa)

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo¹

COSTA, Everaldo Batista da. *A Concretude do Fenômeno Turismo e as Cidades-Patrimônio-Mercadoria*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010.

INTRODUÇÃO

O autor do livro *A Concretude do Fenômeno Turismo e as Cidades-Patrimônio-Mercadoria: Uma Abordagem Geográfica*, Everaldo Batista da Costa, possui formação desde os anos da graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo – USP, com mestrado e doutoramento em Geografia Humana pela mesma instituição de ensino superior, abordando a temática do que ele trata por “patrimonialização global”, os fatos e fenômenos espaciais e transversalidade das totalidades urbana e global que atravessam estes processos no espaço geográfico.

De uma forma geral, a obra objeto da presente resenha tem como núcleo principal

1 Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista UNESP/Rio Claro-SP. Email: gcc99@gmail.com

de seu argumento a questão do turismo enquanto componente analítico da processualística dialética da construção destrutiva da concretude das cidades-patrimônio-mercadoria, ou seja, em sua exploração como mais valia dentro deste contexto e as implicações desta dinâmica tanto na esfera do saber e práticas turísticas como geográficas.

PRIMEIRA PARTE:

POR UM OLHAR DIALÉTICO SOBRE O TURISMO E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

Este ponto da obra se inicia com a apresentação de algumas das ideias centrais da argumentação proposta pelo autor, a saber: do turismo como prática social lastreada e difusora da valorização e organização estratégica dos territórios; a dialogia entre a questão do turismo com o escopo teórico e metodológico da Geografia Humana; a sociedade em seu protagonismo de ação no espaço-tempo, nos processos de valorização do espaço numa perspectiva histórico-dialética; e a concretude do fenômeno turismo em uma análise holística e crítica, de forma a imbricar as três dimensões no olhar sobre a concretude histórica e dialética do fenômeno do turismo: política, economia e cultura.

Em conjunto com estes alicerces teóricos, vemos de forma recorrente a referência e fundamentação em dois autores que tratam da questão sobre o espaço, o trabalho, ideologia, o valor de uso e de troca, alienação, e suas problematizações, Karl Marx e Milton Santos; o segundo sendo fortemente influenciado pelos apontamentos sociológicos, filosóficos e econômicos do primeiro. Outros autores do pensamento geográfico são clamados de forma complementar nas discussões apresentadas, como David Harvey e Antonio Carlos Robert Moraes. Com o auxílio destas referências, em conjunto com outros conceitos atinentes aos estudos geográficos, são alinhavados à discussão a fim de compor o constructo reflexivo trabalhado na obra, como por exemplo, as cidades, os lugares, formação socioespacial, a urbanização, território, etc.

O espaço centraliza, desta maneira, o epicentro epistêmico de onde divergem e para o qual convergem os outros conceitos e categorias apresentadas pelo autor, de modo a reforçar o teor geográfico da análise do fenômeno turístico em sua concretude dialética: “Dessa forma, reconhecemos a categoria espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo tempo em que instância econômica e instância cultural-ideológica.” (COSTA, 2010, p, 21).

E, mais especificamente, é no espaço urbano, no alinhamento teórico e conceitual entre cultura, ideologia, espaço geográfico, turismo, configuração territorial, exclusão seletiva dos lugares e a dialética espacial-histórica e espacial, que Costa

(2010) irá colocar o sustentáculo de sua análise: “Acreditamos que, a partir do espaço urbano, podemos decifrar o mundo contemporâneo e sua complexidade, pois é mediador e representante da formação socioespacial [...]” (COSTA, 2010, p. 57). O espaço urbano surge, portanto, como ponto de inflexão ao qual e no qual as reflexões sobre a dialética da construção destrutiva nos lugares turísticos se tornará passível de análise, em suas nuances e complexidade.

SEGUNDA PARTE:

SOBRE A DIALÉTICA DA CONSTRUÇÃO DESTRUTIVA NOS LUGARES TURÍSTICOS

O segundo momento da obra é dedicado, majoritariamente, aos aspectos metodológicos da temática abordada. De início, há uma conceituação da dialética da construção destrutiva a partir da qual o próprio autor aclara as entranhas de seu escopo teórico: “[...] diz respeito à contradição imperante entre ‘preservação’ e a mercantilização, a busca da democratização e da ‘elitização’ do patrimônio, de forma ampla, e das destinações turísticas, particularmente a própria luta entre ‘preservação’ e mercantilização, que é o princípio interno de desenvolvimento das cidades turísticas contemporâneas, só se mantém com a permanente vitória da mercantilização, mas sem a banalização total da ‘preservação’, pois depende da mesma para se efetivar.” (COSTA, 2010, p 67).

Este posicionamento de Costa é trazido à tona como exposição do alinhamento teórico abordado em sua obra, e com possibilidade de aplicação para outras pesquisas no âmbito social, em específico ao que se refere aos estudos turísticos e geográficos. Com a ajuda de autores que desmembram a dialética como processo de desvelamento das aparências da totalidade, como Karel Kosik e Henri Lefebvre, o autor busca embasar sua teoria e metodologia como nortes para uma compreensão crítica dos lugares turísticos. Com a contribuição destes autores e sua argumentação específica, Costa dialoga o fenômeno dos lugares turísticos nas prerrogativas da totalidade, singularidade e particularidade do método dialético como possibilidade de entendimento das relações entre as contradições existentes, por via do modo de produção capitalista, na eleição de localidades excludentes para aproveitamento turístico: “Compreende-se a *dialética da construção destrutiva* dos lugares turísticos a partir de um diagnóstico da configuração de territórios envolvidos pelo espaço mundializado [...] a abordagem sobre o turismo e a organização do território, na perspectiva dialética, deve transitar da dominação e valorização do espaço à sua representação, que se encerra com a universalização das destinações turísticas singulares. (COSTA, 2010, p. 74-75).

O principal acréscimo analítico do autor à dialética enquanto método, e à sua elaboração e exposição teórica e metodológica particular, é o componente simbólico presente na totalidade social, individual e coletiva, sintetizada nas cidades. Neste ponto é utilizado inclusive o exemplo das cidades históricas (coloniais) como ponto de exploração da lógica da dialética da construção destrutiva, apresentada detalhadamente ao longo da obra.

A mais valia, objeto central e primordial do capitalismo, neste sentido, é visualizado na seleção de lugares onde os sentidos, símbolos e significados de um substrato de aproveitamento monetário por sua singularidade e particularidade espacial (elementos estes já apreciados de forma incipiente no quesito geográfico e turístico pela ideia de Indústria Cultural dos frankfurtianos, conforme lembra o autor), para um discurso de mundialização destes elementos. “Dessa forma, a incessante busca do lucro e da renda impõe a procura ou o estabelecimento de critérios de especialidade, singularidade, originalidade e autenticidade nos lugares.” (COSTA, 2010, p. 98).

Como síntese do método dialético e crítico proposto pelo autor, podemos utilizar seus próprios termos, na busca de uma atenção e cuidado no olhar a ser direcionado para a realidade, e à fenomenicidade do turismo, como premissa analítica para o desmembramento das mimeses, velamentos e contradições da totalidade: “A concretude do fenômeno turismo deve ser desvendada na relação entre as pressões e a fluidez, a dinâmica e a inércia, a expansão e a retração, a construção e a desconstrução, a “preservação” e a mercantilização vigentes nos lugares da vida, da história e da natureza [...] (COSTA, 2010, p. 115).

TERCEIRA PARTE:

TURISMO, PATRIMÔNIO E GLOBALIZAÇÃO

Em sua terceira parte do livro Costa (2010) se posiciona de forma contrária à padronização pragmática destinada ao turismo pela Organização Mundial de Turismo e demais organizações e instituições que regem as normatizações sobre o turismo, em diferentes escalas de análise e atuação, priorizando o seu viés econômico, fortalecidos pela prática e discurso da globalização como orientação geral da forma pela qual os lugares turísticos devem ser escolhidos e utilizados economicamente. Esta é justamente a forma inadequada de ver não apenas turismo dos lugares, mas a realidade como um todo, pois o retifica em uma visão cartesiana e alheia às contradições do espaço-tempo no qual está inserido e é inerente; nas palavras do autor: “a busca da totalidade, na dinâmica turística, pressupõe a análise dos lugares turísticos em sua totalidade, pois o real é o processo de cissiparidade, subdivisão e esfacelamento. [...] O turismo

– fundado na ideologia capitalista – não será apartado do processo histórico que é um processo de segmentação das coisas específicas, de forma que o próprio turismo e as atividades que engendram a economia urbana estão diretamente vinculados à lógica de que cada nova totalização cria novos atores e dá às coisas antigas uma nova função, um novo conteúdo, em prol da produção nas/das cidades.” (COSTA, 2010, p. 126).

Há, portanto, nos dias de hoje, apoiado pelo movimento prático e ideológico da globalização, o que autor denomina por “maquinaria patrimonial” (a partir de Henri Pierre Jeudy) que, com o auxílio de organizações e instituições internacionais, fortalecem a prévia da padronização mimética dos lugares turísticos, da mundialização destas localidades – mesmo que excludentes de seus contextos – e da máxima exploração da representatividade cultural, simbólica e imaginativa destes lugares por este viés economicista do turismo enquanto processo ideológico, político e econômico: “O turismo depende, para sua reprodução, de uma base material singular, de um eficaz sistema de imagens e da capacidade imaginativa e de dominação de seus agentes.” (COSTA, 2010, p. 134). Esta homogeneização defendida e posta em vigor por estes órgãos internacionais de regulação do turismo visa não necessariamente arrefecer as singularidades e particularidades do lugar, pois isto aniquilaria seu potencial econômico de exposição espetacular, mas sim, de inserir um consumo em ordem planetária para esses lugares selecionados estrategicamente, na mundialização e homogeneização do consumo destas e nestas espacialidades, que em si carrega todas as contradições sociais inerentes ao íterim capitalista.

Ao final desta terceira parte, Costa traz a noção de “cidades-patrimônio-mercadoria”, com foco nas cidades coloniais mineiras, exemplos de toda processualística da dialética da construção destrutiva do turismo vigente no conteúdo de seu ensaio. Deste modo, tendo como referência estas cidades, discute-se de que modo as pretensões de aproveitamento econômico, eleição excludente das cidades, e sua alienação do seu próprio arredor urbano podem ser encarados de forma crítica e dialética.

Defende-se uma reaproximação do ser humano à sua realidade proximal, de forma a reconquistar este espaço do qual faz parte enquanto totalidade, e não somente inserido nela por meio de políticas e iniciativas externas e alienadas, sejam públicas ou privadas: “O homem só conhece a realidade quando cria a realidade humana e se comporta como um ser não alienado, prático e propenso à revolução” (COSTA, 2010, p. 160). E ainda, seguindo este posicionamento de maior crítica à lógica da turistificação dos lugares, o autor adiciona a sua negação do atual panorama do processo, e não do fenômeno turismo em si: “[...] não negamos o turismo enquanto fenômeno concreto que ronda os centros das cidades coloniais mineiras, mas precisamos destruir sua pretensa independência demonstrando seu caráter derivado, que só pode

ser interpretado no movimento universal de desenvolvimento do capitalismo globalístico.” (COSTA, 2010, p. 147). Esta pode ser considerada uma síntese do que se propõe ao final da terceira parte da obra, de modo a expor, após a apresentação metodológica, algo que vá além, no sentido de uma postura crítica perante a realidade do turismo especificamente e da totalidade-mundo de forma mais ampla.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, Everaldo Costa dá o tom de fechamento de seu livro elevando ainda mais a evidência em busca pelo caminho a ser trilhado para o desvelamento da realidade de um modo geral, e para a complexidade do fenômeno turismo em particular: “Apreender a ‘concretude’ do fenômeno turismo, em sua totalidade, exige a leitura dos aspectos da realidade global” (COSTA, 2010, p. 164). E é calcando as palavras nesta trilha, teórica e metodológica, que autor reafirma seu posicionamento: “Em síntese, o caminho a ser percorrido na busca *pela concretude do fenômeno turismo* reside no entendimento da essência da produção do espaço geográfico e da interpretação crítica da configuração de territórios totais, o que só pode se desencadear a partir de uma concepção dialética do próprio espaço; foco essencial para uma razoável gestão do território turístico. Parte e todo, particularidade e universalidade, Estado e mercado, sociedade e natureza [...] são algumas das contradições a serem analisadas, enquanto simultaneidade e não sucessão, no estudo do turismo, em prol de sua dinamização democrática e menos impactante.” (COSTA, 2010, p. 167). Eis a síntese do cânone epistêmico e prático presente no livro, que parte de um princípio analítico, o fenômeno turismo em sua dialeticidade, e vai muito além deste ponto, mostrando vias para a reflexão que buscam o entendimento da própria dialética da realidade de forma holística.

REFERÊNCIAS

COSTA, Everaldo Batista da. *A Concretude do Fenômeno Turismo e as Cidades-Patrimônio-Mercadoria*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2011